

V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

O Documentário em(cena)

Luciana Angelice Biffi¹

Resumo: O presente trabalho falará sobre as possibilidades de inter relação entre a história e o vídeo documentário. Uma problemática atual, que discute este gênero fílmico, não apenas como um objeto de pesquisa para historiador mas também como uma ferramenta a ponto que a sua produção auxilie na narrativa historiográfica.

Para tanto, a proposta é que o historiador que queira trabalhar com essas duas áreas deve entender tanto a linguagem historiográfica como a linguagem própria do documentário.

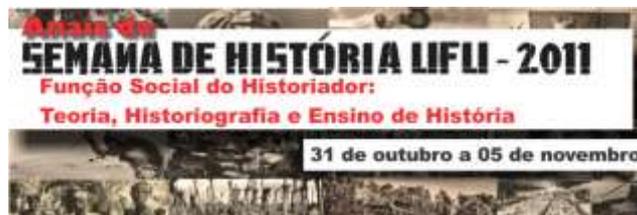
Palavras-chave: História. Vídeo documentário. Narrativas.

Desde a primeira geração dos Annales com Marc Bloch, em sua obra *A Apologia da história* “O historiador é como um ogro, onde houver vestígio humano, lá ele deve estar.”(BLOCH). Tem-se a ampliação das fontes para o trabalho do historiador.

Assim, o livro *Cinema e história* de Marc Ferro, inaugura essa inter-relação que tem sido muito visada e estudada pelos historiadores, contrapondo dois discursos aparentemente distintos. Partindo da mudança do prisma sobre o que diz respeito às películas, problematiza-se se o cinema altera a visão histórica de seus espectadores, ampliando a noção de objeto de análise do historiador, sendo o filme uma ligação entre o passado e o presente na busca das continuidades e das rupturas.

No início de sua obra, o autor também pontua questões como, por exemplo, se o filme seria uma “contra análise” da sociedade. Deve-se entender o filme como meio de circulação das idéias que podem inclusive, contribuir para a conscientização da população, como também possibilitar a compreensão histórica do tema proposto. Para tanto, requer-se uma leitura cinematográfica considerando o contexto em que foi produzido, aquele que retrata além de todas as ferramentas utilizadas como o roteiro,

¹ Graduanda do 4º período do Curso de História INHIS pela Universidade Federal de Uberlândia; Bolsista pelo Laboratório de Pesquisa em Vídeo Documentário e Cultura Popular (DOCPOP)



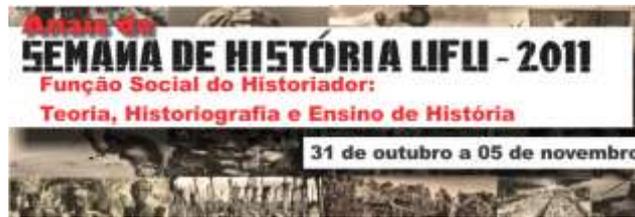
V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

música, edição etc. Por isso, entender que a capacidade e a eficácia da ação do filme é perceber a ligação entre a sociedade que o produz e àquela que recebe, a recepção. É preciso aprender a ler e a escutar as imagens.

As produções áudio visuais, não somente os filmes históricos, que são filmes que abordam temas relevantes da história, são um artefato cultural. Sendo assim, revelam seus sentidos para além do período em que foram produzidos. Entretanto, fornecem versões da história, não a própria história mas uma representação dela, pois só se consegue analisar o passado à luz de seu presente, medos, desejos e as angústias da época. Sabe-se que na sociedade contemporânea o que prevalece é o visual e a instantaneidade, por isso as mensagens em vídeo são cada vez mais frequentes e importantes.

Nesse sentido, o vídeo documentário é tanto objeto de análise quanto narrativa para o historiador. O projeto de extensão História em Ação Patrimônio cultural e vídeo documentário: entre ficção e realidade, e o segundo módulo História em Ação Imagem e transversalidades um olhar historiográfico sobre o vídeo documentário, propõem-se a tangenciar a maioria das questões aqui postas, bem como na propicia na análise fílmica sua metodologia. É um projeto em andamento, com a conclusão prevista em 2012. As atividades realizadas nesse projeto buscam ampliar a noção dessa nova forma de linguagem, adequando-a para a história, se diferenciando de filmes ficcionais, se apresentando como um gênero em construção que privilegia a imagem e a história oral.

Os vídeos documentários têm se amalgamado com a produção historiográfica. Nas apresentações do laboratório vimos que é recorrente a utilização de documentários, principalmente na área de cultura popular. Professores e alunos de pós-graduação apresentam seus vídeos na defesa de suas dissertações e até mesmo como trabalho de conclusão. Como por exemplo, o documentário de José Walter Nunes 'História em Vídeo: Patrimônio Subterrâneo em Brasília (2001)' e o da Hebe Mattos 'Jongos, Calangos e Folias música negra, memória e poesia' (2005) que participaram do evento e apresentaram os caminhos trilhados para a realização de seus filmes.



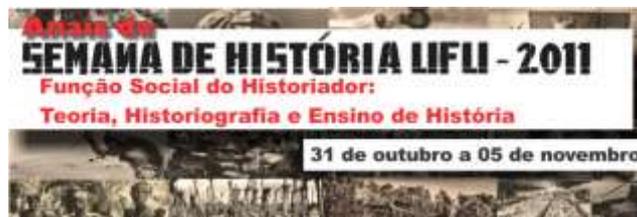
V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Partindo da obra de Fernão Pessoa Ramos “Mas afinal ...o que é mesmo um vídeo documentário?” pode-se entender que esse é um gênero fílmico, dentro do cinema, uma narrativa específica com personagens novos, sendo uma representação da realidade logo, não é o real, se diferencia de uma reportagem e ainda pode ser utilizado como documento e fonte para os historiadores. [...] “*Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-camêra que estabelece asserções sobre o mundo na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo.*” (RAMOS, 2008 22)

Tem-se a crença de que o vídeo documentário é um documento, objetivo e, portanto, mais que documento serve como prova e é visto como uma verdade. Isso porque é um documento que por trabalhar com imagem em movimento se aproxima muito mais do real. Frente a isso, cabe aqui uma problematização que aborda tanto a função do documentarista quanto o ofício do historiador. Qual a intenção de se fazer um vídeo documentário? Para quem se está produzindo? O que ele propõe com essa discussão? Qual é a recepção? São questões feitas tanto pelo historiador ao analisar um documento quanto pelo cineasta na hora da produção de sua narrativa.

Sabe-se que faz parte da função social do historiador dar voz ou compartilhá-la a sujeitos sociais antes negligenciados pelos documentos, uma vez que é o historiador que escolhe seus personagens históricos. Aqueles a serem trabalhados na produção de documentário também são escolhidos pelo diretor, que vão, assim como dito em sua função, direcionar todo o seu trabalho. Nessa perspectiva, as questões postas por ambos nem sempre estão evidentes na fala do sujeito, portanto, a metodologia utilizada para a produção de história oral é semelhante com o método das entrevistas do documentário. Cabe a aquele que investiga descobrir nas entrelinhas da subjetividade das falas e extrair aquilo que realmente importa para o desenvolvimento de seu trabalho desvelando os sentimentos, desejos, fantasias que muitas vezes aparecem como não dito ou entre silêncios e sussurros.

Assim como o historiador, há aquele que vai escrever, realizando produção de um enredo, o roteiro. A existência de um roteiro em um documentário costuma ser



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

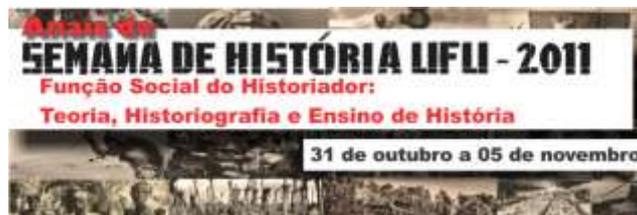
antagônica, já que partem da falsa idéia de que se exige menos preparação ou menos intervenção criativa do documentarista. Contudo, ele é importante no planejamento na produção, porque contém as técnicas de filmagem, os personagens, no caso do historiador seria o sujeito social. Para Fernão Pessoa Ramos, roteirizar é recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem cronológica, o que não é muito diferente do trabalho do historiador.

Para Sergio Puccini, o roteiro, além conter todas as ideias, conflitos e apresentar todas as características dos personagens é o desenvolvimento de um texto escrito, nele consiste as intenções do roteirista. Só para se ter uma noção, cada página de roteiro equivale a aproximadamente, um minuto de um filme. A principal importância do roteiro consiste em seu término, quando concluído, o documentarista terá uma idéia das potencialidades do seu projeto, tendo uma perspectiva de todos os gastos relativos ao vídeo e fazer um orçamento de todos os gastos relativos a esse projeto.

Todo o processo de produção requer o conhecimento dos ângulos de tomada, o corte da câmera fotográfica, enfim envolve toda uma técnica para exibir esses fragmentos, tal qual será na produção de um texto histórico. Quem faz cinema não o faz em qualquer circunstância, porque está preocupado com a luz, o som tudo o que envolve o discurso fílmico e isso está carregado de sentidos e significados tanto para quem faz o filme quando para quem vê a obra. Portanto, há esse envolvimento e aproximação entre criação artística e a representação histórica. Além de ser possível notar a intertextualidade presente no documentário entre fotos, discursos como depoimentos, texto escrita, imagem em movimento que estão presente em um vídeo documentário.

O documentário pretende ter o caráter de verdade pois ele é o registro de uma prática social, além da arte. Antes de tudo, ele é definido pela intenção de seu autor, onde a intenção social do documentarista está imersa na obra. Segundo Puccini “O documentário é arte e não mera atualidade.”(PUCCINI 2009, 57).

Essa citação trás à luz a diferenciação do documentário com uma reportagem. A reportagem é um vídeo com intenções diferentes, técnicas diferentes e o principal suas aplicações e função na sociedade são distintas. Nesse viés a reportagem é



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

algo atual e não tem necessariamente uma preocupação com a arte, presente na produção cinematográfica de um documentário.

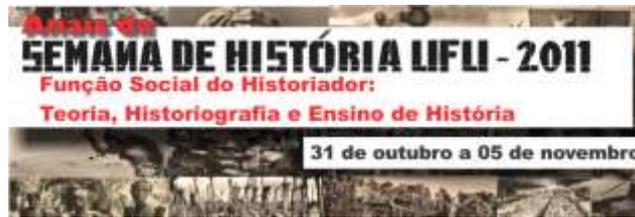
De certa forma a imagem tem um valor social, essa idéia reforçada pela técnica imagem-câmera proporcionando um aspecto de verdade, pois priva pelo registro do ato na hora em que está ocorrendo. Fernão Pessoa mostra a intensidade e a determinação do transcorrer da história quando afirma que a intenção do documentarista é “trazer o mundo em sua carne”(RAMOS 2008 57). Por isso, que embasada na idéia de que a imagem marca o imaginário coletivo, produzindo memória coletiva, pode-se entender o documentário como um lugar de preservação de patrimônios tanto materiais quanto imaterial.

Entretanto, por mais que a linguagem do documentário e a história se relacionem, com uma aproximação evidente, o filme possui a produção, a direção, o roteiro, a fotografia é outro universo, com linguagem própria e diferenciada da história.

O documentário, diferentemente da produção historiográfica, pode ou não mostrar a “verdade” histórica sobre um fato. São histórias no plural, que apresentam versões do acontecimento com uma intenção, e, necessariamente, não precisam mostrar os dados corretos. Um exemplo são os filmes do Michael Moore por exemplo Fahrenheit 11 de setembro(2004), que tem como objetivo impactar a sociedade com dados que, nem sempre são os exibidos em seus filmes. Neste caso, paradoxalmente, é uma das maiores aproximações com a história, apesar de haver controvérsias no sentido do gosto pelo impacto. Essa relação com a ficção é recorrente.

A aproximação com a história oral é possível no espaço da memória, quando se utiliza não apenas o recurso da entrevista, mas também os depoimentos. Vale ressaltar, que nesses trabalhos existe interesse de ambos os lados, o do entrevistador e o do entrevistado, pois, a simples presença de uma câmera altera o estado e, conseqüentemente, a fala das pessoas. Existe uma preocupação em mostrar apenas o que se quer, selecionando uma memória que possua as melhores características. Assim, os entrevistados criam um personagem, remetendo-nos mais uma vez a idéia de ficção.

Mesmo com a presença de personagens e ficção pode-se ainda caracterizar o filme documental como próximo do real. E pois nenhuma dessas características



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

desqualificam o documentário a ponto de não enquadrá-lo no seu gênero fílmico. Assim, tanto ele é filme quanto pode ser documento para a história.

Por este prisma, o documentário abre espaço para a liberdade artística, no que diz respeito a um padrão estético, e mais, uma liberdade intertextual, porque trabalha com imagem congelada, imagem em movimento, música, artes plásticas, texto escrito e até animação se for adequado. As técnicas como o zoom, decupagem, tudo auxilia no discurso cinematográfico, que não estão na formação do historiador, é um trabalho e uma linguagem técnica e o profissional que decidir aliar essas áreas ao seu metiér precisa ter conhecimento. Em muitos dos casos, o documentário conta com o chamado de *voz over*, assim como um trabalho historiográfico é um narrador onisciente. Esses recursos ajudam a expor a trama do vídeo de maneira diferenciada, pois permitem esse movimento que são exclusivos, tornando-o uma linguagem própria e completa em sua intertextualidade.

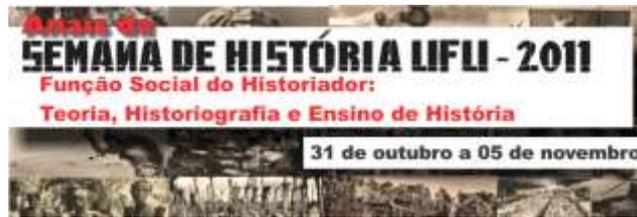
Em suma, o documentário é hoje tanto uma ferramenta para o historiador elucidar acontecimentos, narrando-os por outra linguagem, como pode também ser fonte para sua pesquisa. Em ambos os casos precisa conhecer melhor o processo de produção do filme seja documentário ou não. Essa é a busca do DOCPOP.

Referências Bibliográficas

BLOCH, Marc. *Apologia da História* ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002;
FERRO, Marc. *Cinema e História*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992;
PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de documentário, da pré-produção à pós-produção*; CAMPINAS Editora PAPIRO; 2009;
RAMOS, Fernando Pessoa. *Mas, afinal, o que é mesmo documentário ?* São Paulo: Editora SENAC, 2008;

Referências Filmográficas

José Walter Nunes; *História em Vídeo: patrimônios Subterrâneos de Brasília* ; UNB, 2001;
Hebe Mattos; *Jongos, Calangos e Folias música negra , memória e poesia* ; LABHOI UFF, 2005;



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Michael Moore; *Fahrenheit 11 de Setembro* ; EUA ; 2004